

Bancos dos EUA prevêem a moratória do Brasil em 1990

18 NOV 1989

ESTADO DE SÃO PAULO

Suspensão dos pagamentos poderá causar grave crise no Citicorp

NOVA YORK — A perspectiva de um confuso clima político no Brasil, no início dos anos 90, repercutiu com intensidade na comunidade financeira norte-americana e, ontem, analistas das principais instituições previam a oficialização da moratória do País e uma crise de consequências ainda imprevisíveis no Citicorp (CCI), o maior credor brasileiro.

A principal questão em jogo é o nível de reservas para o Citicorp enfrentar a suspensão de pagamentos brasileiros. É que a instituição, ao contrário do que fizeram os demais grandes bancos credores norte-americanos, se recusou a ampliar suas defesas contra maus empréstimos para, com isso, não ser forçada a arcar com gigantescos prejuízos em seus balanços trimestrais.

"Não haverá nenhum pagamento brasileiro este ano e, muito provavelmente, nem no próximo", afirmou um dos principais especialistas financeiros da companhia de investimentos Drexel Burnham Lambert Inc. Para ele, o Citicorp não poderá mais assumir a posição do avestruz e terá de enfrentar a realidade: "O banco precisará elevar suas reservas o quanto antes, para evitar pre-



Fernando Pimentel/AE - 14/8/85

Reed, presidente do Citicorp: "Questão de confiança"

juízos ainda maiores no futuro", garantiu.

Na sede do Citicorp, em Manhattan, os porta-vozes da companhia disseram não ter nenhum comentário sobre a mudança da política de reservas monetárias em decorrência dos rumos da política brasileira. John Reed, o presidente da instituição (que esta semana fez novo giro pela América Latina), continua irredutível em sua posição de esperar a retomada dos pagamentos brasileiros. "É uma questão de confiança", disse ele, recentemente. Com reservas para aproximadamente 29% de seus créditos de médio e longo prazos a nações do Terceiro Mundo, o Citicorp (a holding do Citibank), é

atualmente o mais vulnerável dos bancos dos EUA. Todos os demais grandes bancos (chamados de money centers) têm esses créditos garantidos em, no mínimo, 40%. O Bank America, de San Francisco, por exemplo, neutralizou esses débitos com reservas de 100% de seu valor de face.

"Agora é questão de dias até que Reed seja forçado, pelo Banco Central dos EUA (FED), a equilibrar as finanças de sua instituição de acordo com as leis do país", acrescentou o especialista da Burnham Lambert. Para ele, os créditos brasileiros "são o calcanhar-de-aquiles do Citicorp".

☐ **Mais informações sobre a repercussão das eleições brasileiras nos EUA na página 31**